

GRAÇA E GRAMSCI, CORPOS ADOÇADOS PELO AMARO DA INTOLERÂNCIA

Vicente Deocleciano Moreira
Prof. Adjunto do Dep. de Ciências Humanas e Filosofia

RESUMO — *Ao ingressar numa instituição total, os símbolos, marcas físicas e adereços corporais de que o iniciado fez uso, até então, de modo livre e autônomo, na sociedade, são substituídos, forçosamente, por outras marcas físicas, símbolos e adereços corporais próprios daquele tipo de instituição total em que ele está entrando. Traços de identidade social são perdidos para outros convenientes à instituição: uma nova vida numa nova instituição. Graciliano Ramos e Antônio Gramsci têm seus corpos transformados em corpos dóceis adoçados pelo poder que sobre eles é exercido pela instituição total presídio. Esse fato que, dentre outros, aproxima o intelectual brasileiro do intelectual italiano constitui a sustentação teórica deste artigo.*

ABSTRACT — *When one joins a total institution, the symbols, the bodily signs and fineries that the initiate had, freely and autonomously, adopted in his society, are, by force, substituted for the corresponding ones of the total institution he is being introduced. Early social identity traits give place to other symbols, bodily signs and fineries closer to the new institution: A new life in a new order. Graciliano Ramos's and Antonio Gramsci's bodies are changed into tame bodies sweetened by the strong power of the institutional jail system. Taking this fact into account, the article discusses the similarity between the Brazilian intellectual and the Italian one.*

*Não é verdade que queiram fazer isto ... Para a Alemanha de Hitler?
Ela é judia ... Ela está grávida ... O Brasil não pode fazer isto com
ela.¹*

(Graciliano Ramos, indignado, ao saber que Olga Benário Prestes,
sua companheira de presídio, ia ser entregue a Hitler, pelo Governo
Vargas)

Não fosse pela estatura de Graciliano Ramos, a frase/parágrafo que inicia este artigo seria mais um lugar comum dessas economias verbais com que alguns meios de comunicação noticiam o que acontece no mais comum dos lugares.

Graciliano Ramos soube, como poucos, pirografar a aspereza e a profundidade na epiderme do banal. Ele é a ruptura de uma tradição intelectual brasileira – aquela do vai-e-vem das adesões, do silêncio no breu das portas, do fisiologismo ante as carrancas do poder autoritário e do vôo impune da violação dos direitos humanos. Eis o parecer de Fernando Jorge:

Já que falamos no Estado Novo de Vargas, é mister aqui demolir uma velha mentira. É costume de muita gente divulgar o seguinte: os nossos intelectuais, na sua maioria eram inimigos irreconciliáveis do regime instituído em 1937. Não, tal coisa não é verdade. Com exceção de Viriato Correia, Paulo Duarte, Graciliano Ramos (grifo nosso), Monteiro Lobato e Afrânio Peixoto além de mais alguns, o Estado Novo não encontrou tenaz oposição entre escritores brasileiros.²

Graciliano Ramos, conhecido na intimidade como *Graça*, e o escritor italiano Antonio Gramsci têm muita coisa em comum. Podemos pontuar algumas delas:

1) Graciliano nasceu no então povoado de Quebrangulo (*Quebrangulo*, de origem africana, quer dizer *matador de porcos*, em português – e deve ser pronunciada como paroxítona), a 120 quilômetros de Maceió, em 27 de outubro de 1892. Já fora da cadeia, morreu de câncer pulmonar, em 20 de março de 1953, no Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

2) Gramsci nasceu na aldeia de Ales (Caligari), próximo à Sardenha, um ano antes (de Graciliano), em 22 de janeiro de 1891. Já fora da cadeia, Gramsci morreu de tuberculose e derrame cerebral, em 1937, na capital da Itália.

3) Graça foi *patrulhado*, como diríamos ainda hoje, e incompreendido pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). O PCB o advertiu, dizendo que ele *deveria seguir o exemplo de Jorge Amado, modelo de “vigor revolucionário” e “conteúdo participativo” na literatura.*³

4) Gramsci foi membro do Partido Comunista Italiano (PCI), manteve postura marxista anti-sectária e antimecanicista – e isto lhe custou a incompreensão e o desdém do PCI.

5) Graciliano foi preso em 1936 pela Polícia de Filinto Müller/Getúlio Vargas, no momento em que ocupava o cargo de diretor de Instrução Pública de Alagoas; uma prisão arbitrária, sem maiores acusações (além de, vagamente, “comunista”) e sem provas concretas. Mas Graciliano não era comunista, ao ser preso. É verdade que ele convivia com militantes do PCB, trotskistas e outros grupos de esquerda. Saiu da prisão sem ter sido comunista, aos menos filiado. Só depois, em liberdade, filiou-se ao PCB.

6) Gramsci é preso dez anos antes, 1926, pela Polícia de Mussolini, quando o escritor cumpria o mandato de deputado do parlamento italiano, na véspera da reabertura da Câmara. Graça e Gramsci eram fragilmente acusados de conspiração contra os respectivos e autoritários Estados.

7) Graça e Gramsci saem da prisão no mesmo ano: 1937. Estavam fisicamente debilitados pelas condições desumanas dos cárceres e das estafantes viagens de uma prisão a outra. O primeiro esteve preso por um ano e o segundo, durante dez ou onze anos; um no Brasil, outro na Itália, claro.

8) Memorialistas, escreveram MEMÓRIAS DO CÁRCERE e CARTAS DO CÁRCERE, respectivamente. O livro de Graciliano, *Memórias do Cárcere* teve sua primeira publicação em 1953, e *Cartas do Cárcere* em 1947 – nos dois casos, após a morte dos autores.

Por interessantes que sejam as coincidências de percurso, na trajetória política e existencial do brasileiro e do italiano ora sob reflexão, essas curiosidades biográficas não nos serviram de cicerones na feitura deste trabalho. Na verdade, nosso aligeirado estudo percorreu, como objeto e fonte de inspiração (e de transpiração) *Memórias do Cárcere* e *Cartas do Cárcere*⁴. Dessas obras, levantamos e selecionamos alguns dos depoimentos e cartas de seus autores que lhes atestam a condição de *corpos adoçados e de eus profundos e profanados pelo amaro das intolerâncias fascistas de Vargas e de Mussolini*.

Cadeias, penitenciárias, tanto quanto corpos de prisioneiros de guerra, campos de concentração, estão enquadrados por Erving GOFFMAN como um terceiro tipo de *instituições totais*. Tais instituições são caracterizadas, segundo esse autor, pelo seguinte perfil:

Quando resenhamos as diferentes instituições de nossa sociedade ocidental, verificamos que algumas são mais 'fechadas' do que outras. Seu 'fechamento' ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições às saídas que muitas vezes são incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossas, água, florestas ou pântanos.⁵

Abrigos para idosos, órfãos; conventos, hospitais, manicômios e “isolamentos” para hansenianos; quartéis, internatos etc. constituem outros tipos de instituições totais. Da mesma forma que as cadeias, penitenciárias, essas instituições centralizam – num mesmo lugar e sob uma mesma autoridade – três das esferas comportamentais básicas da sociedade humana, ou seja, dormir, brincar, trabalhar. Fora das instituições totais, essas atividades podem ser pra-

ticadas em diferentes locais, horários, co-participantes e autoridades, poderíamos dizer, livremente.

As atividades humanas básicas ou secundárias são organizadas e satisfeitas (ou não) sob o controle burocrático exercido no interior das instituições totais. A distância social entre funcionários, burocratas — de um lado — e, de outro, a população interna (a população carcerária, por exemplo) é demarcada com nítida prescrição. O trânsito entre esses dois estratos é severamente limitado.

O planejamento e a configuração do trabalho ocorrem nas instituições totais de modo bem diferente daquelas outras instituições ... as do mundo externo. Há mais contraste entre a vida dos internos de instituições totais e a vida familiar do que entre esta última e a vida livre, solteira ou solitária. Os funcionários dessas instituições, por maior que seja a jornada de trabalho, estão sempre retornando ao familiar universo da vida familiar.

Em presídios, conventos, hospitais, os contatos entre os internos e, quando é o caso, os respectivos cônjuges e outros parentes são administrados, regularmente, e vigiados pela ordem burocrática da instituição (presídio, convento, hospital etc.). As *correspondências* — tomando-se todos os sentidos desta expressão — com o mundo externo, objetos e encomendas pessoais, presentes ... dirigidos aos internos e pelos internos são controlados, vigiados e censurados pelos dirigentes e seus funcionários. Às vezes, até os próprios internos são usados para esse serviço.

Graciliano Ramos ficava preocupado, e mesmo aborrecido, com a displicência de seu amigo, o escritor José Lins do Rego, que lhe escrevia bilhetes, discretamente, nas margens dos jornais enviados ao próprio Graça.

A Antonio Gramsci só era permitido escrever aos familiares, parentes e, assim mesmo, em dias determinados (pela burocracia política), de semana em semana ou de quinzena em quinzena.

É de grande valia o recurso ao conceitos de instituição total, de Goffman, nessa nossa rápida viagem pelo universo carcerário, através da observação quase antropológica de Graciliano, e da conduta epistolar de Gramsci. Esse recurso, porém, adquire mais solidez quando o adicionamos à compreensão política dos *corpos dóceis* de Michel FOUCAULT.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, 'corpos dóceis'. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra, ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma 'aptidão', uma 'capacidade' que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que espera

resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.⁶

O poder usa a disciplina como técnica específica que não só fabrica indivíduos (e bem treinados “corpos dóceis”), mas também os forja como objetos e, simultaneamente, instrumentos desse exercício. Ser produtivo e submisso ... é assim que o corpo se torna útil e, mais e mais, “dócil” e “aperfeiçoado.” A “utilidade” e a “indispensabilidade” da disciplina vai fundo no íntimo do prisioneiro.

Momentos mais que emblemáticos da ação da disciplina sobre o corpo são encontrados em Graciliano Ramos:

Quem dormiu no chão deve lembrar-se disto, impor-se disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita; inútil negá-las, contorná-las com gaze. Contudo é indispensável um mínimo de tranqüilidade, é necessário afastar as miserazinhas que nos envenenam.⁷

Mas a internalização, a in-corporação da disciplina causará angústia em Graça. Atentemos para esse registro em meio à viagem de Mangaratiba à Colônia (Rio de Janeiro):

(Graciliano) – Aquilo é horrível, hem, sargento?

Alongou o beijo grosso, resmungou:

- Não. Para o senhor não.
- Ora essa: Por quê?
- Em qualquer parte o senhor está em casa.

A observação me chocou. Ter-me-ia acanalhado? Comportar-me-ia direito em excesso, buscando captar a benevolência da força? Um rápido exame sossegou-me: tinha-me expressado conciso e frio, apenas manifestara a impossibilidade completa de mexer-me de depressa.⁸

A incorporação da disciplina adoça o corpo e a mente, facilitando o aprendizado – quanto mais rápido, melhor – e o domínio da rotina. Corpos, como o de Graça e o de Gramsci, foram objetos do exercício modelar da disciplina. Há que memorizar a rotina; in-corporá-la. No filme *Rebeldia Indomável*, o prisioneiro vivido pelo ator George Kennedy impõe-se, e impõe a todos, uma frase

lapidar: *Aqui todos têm que aprender a norma!*⁹

Vamos aos fragmentos de três discursos: Foucault, Graça e Gramsci:

Foucault: O corpo humano entre numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma 'anatomia política' que é também uma Mecânica do poder ...¹⁰

Graciliano: Somos animais desequilibrados, fizeram-nos assim, deram-nos almas incompatíveis. Sentimos em demasia, e o pensamento já não existe: funciona e pára. Querem reduzir-nos a máquinas. Máquinas perras e sem azeite.¹¹

Gramsci: E mais: temo sempre ser esmagado pela *routine* carcerária. Esta é uma máquina monstruosa que oprime e nivela segundo uma certa série. Quando vejo agir e escutar falar homens que estão a 5, 8 e dez anos presos, e observo as deformações psíquicas que sofreram verdadeiramente me arrepio, e caio na dúvida quanto às privações sobre mim mesmo. ¹²

Quando escreveu esta carta, 19 de novembro de 1928, Gramsci acabava de completar dois anos e onze dias de prisão — onde ficaria por mais oito anos, num total de dez a onze anos.

Um detalhe importante, embora pouco revelado nos estudos sobre o presídio, enquanto instituição total, é a conjugação de poderes institucionalizados (como a Religião, a Assistência Social, a Medicina além, claro, do Estado), e seus representantes ... todos eles tomando os corpos dos condenados como objetos e instrumentos da disciplina. *Aqui todos têm que aprender a norma*, repetiria o prisioneiro (vivido pelo ator George Kennedy) do filme *Rebeldia Indomável*.¹³

Lembro de um outro filme: *Não Matarás*, dirigido pelo polonês Krzyestof Kielowski; em meio às cenas finais, no momento em que Jack, o assassino do motorista de táxi, vai ser enforcado, estão presentes não só o promotor (representante do Estado), o advogado de defesa (representante do réu) que o visitava, o diretor do presídio e, também, um sacerdote. Este último, antes da leitura da sentença pelo promotor, oferece consolo espiritual ao condenado — pelo Estado socialista polonês — à morte.

A morte, a condenação do corpo do prisioneiro ao desaparecimento físico, biológico, é a última e mais ostensiva expressão concreta do exercício punitivo do poder sobre o condenado, seu corpo e, melhor ainda, sobre sua memória política, moral e social.

Uma passagem de *Memórias do Cárcere* ilustra o melhor do bom humor e do sarcasmo do velho Graça, ante a presença de um sacerdote “evangelizador”, e “salvador de almas” dos detentos:

Organizaram-se filas, o reverendo surgiu com o tenente Bicicleta (...). Ficou alguns minutos em silêncio, o sorriso a espalhar-se por todo o rosto, em seguida iniciou a catequese num discurso mastigado cheio de erros pavorosos. Nunca ouvi tanta besteira. Logo no princípio engasgou-se e recorreu, atarantado a uma poesia do Conde Afonso Celso: 'Seria enorme crime não amar aqui a Deus.'¹⁴
(...)

Não havia meio de achar a peroração. Avançava, recuava, dava por paus e pedras, como se tivesse o desígnio de nos afastar do céu, a meter sempre no aranzel a cunha poética: 'Seria um enorme crime não amar aqui a Deus.' Encolhi-me para não ser visto e alargava-me em elogios graves sussurrados na orelha do vizinho da frente. Larguei um disparate cabeludo e o moço perdeu as estribas e pôs-se a rir. O pregador interrompeu-se, o oficial de beijo rachado fez um gesto, o rapaz saiu da fileira, avizinhou-se da grade e foi submetido a um ligeiro interrogatório.¹⁵

Quando chega pela primeira vez a uma instituição total, o novato não carrega apenas seus pertences (roupas, toucador, etc.), mas também uma “cultura aparente”¹⁶, ou seja, um conjunto de atividades, um estilo de vida livre e aceito pacificamente. Mas no ato de ingresso na instituição total o eu do entrante começa a ser sistematicamente mutilado. São inúmeros os instrumentos simbólicos que exercem essa mutilação.

O primeiro ato de mutilação, pela instituição total, é impor barreiras entre o interno e o mundo exterior. A narrativa de Graciliano Ramos, dando conta de seu ingresso em mais um presídio, é exemplar:

A degradação se realizava dentro das normas. Que me iriam perguntar? Os homens de zebra exigiram apenas que lhes entregasse a roupa. Ora essa! Queriam então que me retirasse dali nu? Não era bem isso. Tinham aberto a valise, arrolado os troços, achavam possível despojar-me da indumentária civilizada. Estava certo. Era preciso despir-me em público ou havia lugar reservado para isso? Não havia. Perfeitamente.¹⁷

Mas a mutilação do eu do internado não pára aí. Prossegue, por exemplo,

no sentido de sua *despersonalização*. É o que acontece com os conventos que exigem, do iniciado, a troca do nome *mundano* pelo novo nome; é a *morte* para o *mundo* (o mundo externo) e o *renascimento* para o recolhimento e a vida religiosa, para os serviços consagrados à divindade. É também o caso dos presídios; aqui, um número é imposto em substituição ao nome civil (de batismo). Conta-nos Graciliano:

- O seu número é 3.535, anunciou.
- Fiquei um momento absorto, pouco a pouco me inteirei da supressão do meu nome, substituído por quatro algarismos.
- 3.535, não esqueça.
- Está bem.¹⁸

A mutilação do eu avança na tentativa de infantilizar o detento, no caso da penitenciária. Impõe-se-lhe a “economia” de ação. Ele é obrigado a pedir permissão ou instrumentos necessários para a realização de atividades corriqueiras e livremente executadas no mundo externo: fumar, ir ao banheiro, barbear-se, telefonar, comprar coisas etc. — tudo isso depende da autorização do poder, através de sua face burocrática. A mutilação do eu não deixa apenas marcas simbólicas ou psíquicas. *Fere*, também com marcas físicas e correspondentes estigmas.

Cortar, o modo de cortar, ou não cortar os cabelos são pequenas liberdades do mundo externo. Histórica e mitologicamente, os cabelos são a afirmação da força de um homem (Sansão) e da sensualidade de uma mulher (Madalena). Em instituições totais, como é o caso de alguns conventos, as noviças são obrigadas a cortar, bem rente, quase a raspar, os cabelos ... enfim, a se desfazerem desses sinais da “ vaidade mundana ” e do estímulo à “ luxúria ” que dominam o mundo externo. Nas penitenciárias e em alguns mosteiros orientais, geralmente os presos e os monges, respectivamente, são obrigados a raspar a cabeça. Diz Goffman:

... segundo a linguagem expressiva geral de nossa sociedade, o fato de nossa cabeça ser raspada é facilmente percebida como uma mutilação do eu, mas, se essa mortificação pode enfurecer um doente mental, pode agradecer um monge.¹⁹

Graciliano Ramos fala de sua experiência de presidiário:

À esquerda um sujeito de zebra indicou uma cadeira e entrou a desculpar-se: infelizmente era obrigado a tosquiá-me.

– Isso não tem importância, declarei sentando-me a valise nas pernas.²⁰

Iniciando as últimas palavras deste trabalho, insistimos em refletir sobre a mutilação do eu. Desta feita, registraremos a exposição e a sujeição do corpo do internado — no caso o detento penitenciário — no ato de defecar (ou urinar). De um modo geral, prisões e quartéis dispõem de equipamentos horizontais (às vezes de porcelana), dotados de um orifício centralizado. Dotado, também, de duas saliências para, agachado, o usuário fixar os pés com alguma segurança, no momento de defecar. Tais equipamentos, que substituem, nas instituições totais, os vasos sanitários convencionais do mundo externo, provocam certo incômodo aos usuários ocidentais. No entanto, conferem satisfação ao exercício do poder, vez que o desconforto reduz o tempo de permanência de cada interno, nos sanitários. Quanto menor o tempo “livre”, mesmo quando usado na satisfação de necessidades fisiológicas, (defecar, urinar) e também físicas (comer, tomar sol etc.), melhor para o esquema de poder.

Mas esse desconforto é quase nada face à humilhante mutilação do eu, de sua privacidade e de sua vontade, quando o interno é obrigado, pressionado, a defecar o mais rápido possível — e fazê-lo sob os olhares das demais pessoas. Com a palavra, Graciliano Ramos:

Pendiam do teto alguns chuveiros, quatro ou seis, e junto a uma parede se alinhavam igual número de latrinas sem vasos, buracos apenas lavados por freqüentes descargas rumorosas. Em todas viam-se homens de cócoras, e diante deles estiravam-se filas, esperando a vez, cabisbaixas na humilhação, torcendo-se, a exhibir urgências refreadas a custo. Essa mostra indecorosa, a falta da mínima dignidade, encheu-me de vergonha e medo, tolheu-me a ação.²¹

As pessoas agachadas contorciam-se em longos tenesmos, retardavam-se arfando; limpavam-se em farrapos, lenços, fraldas de camisas, erguiam-se exaustas, e ao cabo de minutos várias iam de novo contrair-se numa cauda de fila.²²

É bem possível que este trabalho em nada tenha contribuído para a compreensão literária da obra *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos. Ou, numa apreciação menos rigorosa, talvez nosso trabalho possa deixar algumas pistas ao entendimento literário de quem disponha de um saber mais especializa-

do do que o olhar de quem tem apenas duas mãos e o sentimento de mundo, ou seja, o olhar do antropólogo.

De tudo, e por fim, *Memórias do Cárcere* e Graciliano Ramos, eles mesmos, pintam com cores fortes a cruel paisagem desumana do sistema penitenciário brasileiro dos anos 30. De lá para cá, o sistema tem desumanizado e se desumanizado com brutal violência. Carandiru, as chacinas contra menores e trabalhadores urbanos e rurais, com terra e sem terra ... precisamos de mais exemplos ?

Ainda o velho Graça:

VEIO a ordem de silêncio e os corpos estenderam-se. Mas não ficaram em repouso e o silêncio era impossível.²³

Só que, no Brasil, em outubro de 1992, plena democracia, muitos presidiários de Carandiru, São Paulo, tiraram a roupa, ficaram completamente nus, estenderam-se ao solo — sinal bem conhecido de rendição ao poder e à força maiores — e os policiais, apesar disso, não lhes pouparam as rajadas de metralhadoras.

NOTAS

¹ Citado por Fernando MORAIS em seu livro *Olga*, p.212.

² Fernando JORGE. *Getúlio Vargas e seu tempo: um retrato com luz e sombra*, v. 1, p.273.

³ Fernanda SCALZO. Biografias ressaltam patrulhamento do PC. *Folha de São Paulo*, 18 de outubro de 1992, cad. 6, p.7.

⁴ Graciliano RAMOS. *Memórias do Cárcere*. Prefácio de Nelson Werneck Sodré, 2 v. Antonio GRAMSCI. *Cartas do Cárcere*. (Lettere dal Carcere).

⁵ Erving GOFFMAN. *Manicômios, prisões e conventos* (Asylums).

⁶ Michel FOUCAULT. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. p.127.

⁷ Graciliano RAMOS, op.cit., 1^o. v., p.34.

⁸ Idem, 2^o.v., p.44.

⁹ *Rebeldia Indomável*. (Cool Hand Luke), Estados Unidos, 1967, Direção de Stuart Rosenberg. Com Paul Newman, George Kennedy e outros.

¹⁰ FOUCAULT, op.cit., p.127.

¹¹ Graciliano RAMOS, op.cit., 2^o. v., p.206.

¹² GRAMSCI, op.cit., p.119.

¹³ Ver Nota n.9.

¹⁴ RAMOS, op.cit., 2^o.v., p.130.

¹⁵ Idem, p.131.

¹⁶ GOFFMAN, op.cit., p.49.

¹⁷ Graciliano RAMOS, op.cit., 2^o. v. p.23.

¹⁸ Idem, p.70.

¹⁹ GOFFMAN, op.cit., p.49.

²⁰ RAMOS, op.cit., 2^o.v., p.57.

²¹ Idem, p.75.

²² Idem, p.76.

²³ Idem, p.74.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; Tradução por Lúcia Maria Pondé Vassallo. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 227p. il.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução por Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974, 316 p. (Debates, Psicologia, 91).

GRAMSCI, Antonio. *Cartas do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 420 p.

JORGE, Fernando. *Getúlio Vargas e seu tempo: um retrato com luz e sombra*, São Paulo: T.A. Queiroz. v. 1, p. 273.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, s.d. 2v.

SCALZO, Fernanda. *Biografias ressaltam patrulhamento do PC*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 out. 1992, cad. 6. p. 7.